



ESCRITORAS NEGRAS NA AMÉRICA LATINA¹

Francineide Santos Palmeira²

Universidade Federal da Bahia

francineidepalmeira@yahoo.com.br

O espaço geográfico denominado América Latina caracteriza-se pela presença e diversidade de povos afrodescendentes em seus territórios. Segundo o pesquisador e antropólogo Luis Ferreira, no seu artigo *A Diáspora Africana na América Latina e o Caribe*, o termo afro-latino-americano tem sido utilizado nos últimos tempos por estudiosos e ativistas de organizações negras para referi-se a população afrodescendentes oriunda desta região da América.

Cabe lembrar, que o debruçar de estudiosos afro-brasileiros sobre a situação dos afrodescendentes na América Latina não é tão recente assim. Estudiosas como Lélia Gonzalez já refletiam e escreviam sobre as populações afrodescendentes latino-americanas há algum tempo. Um exemplo disso é o texto “A categoria político-cultural de *amefricanidade*.”. Cabe destacar igualmente que as populações desses países também já vinham organizando-se em redes latino-americanas desde a década de 1990 quando se criou a Red de Mujeres Afrolatinoamericanas y Afrocaribeñas(1992). Outro exemplo desse tipo de organização foi a Aliança Estratégica de Organizações Afro-Latino-americanas e Caribenhas, em 2000.

Contudo, além do termo “afro-latino-americano” temos visto também de forma recorrente a utilização da expressão América Afro-latina. E o que vem a ser a América afro-latina? Quais países a constituem? De acordo com o estudioso George Andrews

¹ Este texto consiste em algumas reflexões iniciais do projeto de tese intitulado *Vozes afro-femininas na América Latina* que se encontra em desenvolvimento.

²Doutoranda pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia (2010) e graduada em Letras Vernáculas pela UFBA (2007). Atualmente, participa do projeto de pesquisa EtniCidades: as/os intelectuais e escritores/as afro-latinos/as pelo Instituto de Letras da UFBA. E-mail: francineidepalmeira@yahoo.com.br.



(2007, p.29), a expressão América afro-latina foi utilizada inicialmente pelos cientistas políticos Anani Dzidzienyo e Pierre-Michel Fontaine na década de 1970.

Entendida a posição de Andrews quanto à cunhagem do termo América Afro-Latina e compreendido que, segundo Andrews (2007, p.30), Dzidzienyo e Fontaine denominavam de América Afro-Latina todas as regiões da América Latina em que são encontrados grupos significativos de pessoas de ascendência africana, agora devemos explicitar quais são os países que constituem a América afro-latina. Aqui neste texto, corroborando com estamos considerando como América Latina os países que foram colonizados por Portugal e Espanha, isto é, Brasil e os países de língua espanhola.

Na contemporaneidade, tem-se presenciado ações realizadas pelo Ministério da Cultura no Brasil no sentido de discutir a presença da cultura negra na América Latina uma vez que, de acordo com o documento do MINC, existe um vazio de informações quanto à situação da população e do rico patrimônio cultural afrodescendente na maior parte dos países da América Latina. Neste sentido foi realizado o I Seminário Internacional Intercâmbios Afro-latinos (2007), promovido pela Fundação Cultural Palmares e o I Encontro Ibero americano: Agenda afrodescendente nas Américas (2008) nos quais foram discutidas ações a serem implementadas para criação de políticas públicas de valorização da cultura negra na América Latina e quando o governo brasileiro propôs a fundação do Observatório Afro-Latino. Faz-se relevante destacar que este site³ pode ser acessado na versão em espanhol ou em português.

No âmbito acadêmico, a produção escrita de autores afrodescendentes da América tem sido estudada em áreas como Literatura Comparada e Estudos Culturais. Todavia, esses estudos têm revelado uma predominância dos autores afro-americanos nas pesquisas de pós-graduação. Uma pesquisa no Banco de dissertações/ teses da Capes com os termos “afro-latino”, “afro-colombiano”, “escritoras afro-latinas” e “escritoras afro-colombianas” revelou que as dissertações e teses sobre produções de escritores afro-latinos ainda são escassos⁴: Nenhuma das pesquisas encontradas versava sobre

³O site do observatório Afro-latino encontra-se disponível na página: < <http://afro-latinos.palmares.gov.br/>.

⁴ Foram encontrados outros trabalhos de outras áreas do conhecimento tais como *A presença da África na produção plástica de Emanuel Araújo-Afro-brasileiro-Wifredo LAM - Afro cubano*, de Maria Helena Ramos da Silva. 01/04/1997 e *A etnoeducação: uma dimensão pedagógica para a construção da identidade étnica afrodescendente no litoral do pacífico colombiano (1993 - 1999)*, de Luz Esperanza Zuniga Balanta 01/10/2000



obras de escritoras afro-latinas. Quando mudamos o assunto da pesquisa para “escritoras afrodescendentes da América”, encontramos no banco de dados trabalhos que traziam como *corpus* a produção literária de autoras afro-brasileiras ou de escritoras norte-americanas apenas.

Apesar do Banco de dissertações/teses da CAPES⁵ não ter registrado nenhuma pesquisa de pós-graduação de Mestrado ou Doutorado a respeito das escritoras afro-latinas, existe um número considerável de autoras afro-latinas.

ESTUDOS SOBRE ESCRITORAS AFRO-LATINAS NO BRASIL

No campo dos estudos literários, temos assistido ao desenvolvimento de várias pesquisas que apresentam entre seus objetivos a comparação entre obras literárias de escritores afrodescendentes. Alguns estudiosos brasileiros elegem como *corpus* de pesquisa produções de escritores afro-brasileiros, outros optam por realizar um cotejo entre produções de escritores afro-brasileiros e escritores afrodescendentes de outros países.

Dentre esses últimos, podemos notar certa tendência dos estudiosos brasileiros em elegerem obras de escritores e escritoras oriundos dos Estados Unidos para realizar um estudo comparativo com as produções literárias de afro-brasileiros, tal como: *Poesia Negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes*, de Elio Ferreira de Souza (tese, 2006). Essa tendência é particularmente notável no que tange aos estudos a respeito de escritoras afro-americanas. A título de exemplificação dessa assertiva podemos citar as seguintes dissertações e teses *Gênero, etnia e narrativa literária: Alice Walker e Conceição Evaristo*, de Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro (tese, 2000), *Representações de gênero e etnia em Amada, de Toni Morrison e, Ninguém para me acompanhar, de Nadine Gordimer*, de Danielle de Luna e Silva (dissertação, 2007), *Com quantos retalhos se faz um quilt? Costurando a narrativa de três escritoras negras contemporâneas, de Heloisa do Nascimento* (tese, 2008) que tem como objeto as obra das escritoras Conceição Evaristo, Toni Morrison e Paulina Chiziane e *Similaridades e*

⁵ Banco de tese da Capes disponível na página:< <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>>.



diferenças: o negro nos Estados Unidos da América e no Brasil segundo Alice Walker e Conceição Evaristo, de Rosa Maria Laquimia de Souza (tese, 2009).

Embora haja na contemporaneidade um número expressivo de escritoras afro-latinas, no Brasil ainda predominam as pesquisas sobre escritoras norte-americanas. A título de exemplificação, cabe destacar alguns nomes, tais como Cristina Rodrigues Cabral (Uruguai), Nancy Morejón (Cuba), Luz Argnancia Cririboga (Equador), Sherazada Chiqui Vicioso (República Dominicana), Marie-Célie Agnant e Edwidge Danticat (Haiti). Faz-se igualmente relevante ressaltar que algumas dessas escritoras, como Nancy Morejón, são reconhecidas no âmbito internacional.

Diante desta escassez em relação aos estudos a respeito de escritoras das afro-latinas e tendo em vista estudos que evidenciam as semelhanças entre as trajetórias de mulheres da América Latina se justifica a realização de um estudo comparativo entre a produção de escritoras afro-latinas.

ANTOLOGIAS FEMININAS AFRO-LATINAS

Diante da diversidade de produções de escritoras afro-latinas, destacamos duas antologias. Primeiro, a antologia *Finally us: contemporary black Brazilian women writers (1995)*, organizada por Miriam Alves e Carolyn Durham. Trata-se da primeira coletânea de escritoras afro-brasileiras contemporâneas do Brasil, uma obra bilíngüe (português – inglês), composta por poemas de 17 autoras afro-brasileiras. Dentre elas destacamos Alzira Rufino, Andréa Cristina Rio Branco, Eliana Potiguara, Gilzete Marçal, Lourdes Dhytta, Lourdes Teodoro, Maria da Paixão, Marta André, entre outras.

A segunda antologia intitula-se *¡Negras Somos!: antologia de 21 mujeres poetas afrocolombianas (2008)*, organizada por Guiomar Escobar e Alfredo Zamorano, é uma publicação em espanhol. Esta como o próprio subtítulo indica elenca poemas de 21 autoras, dentre as quais citamos: Ana Diaz, Amália Figueroa, Colômbia Vélez, Elisa Pupu, Juliana Guerrero, Lorena Torres Herrera, Lucrecia Panchano, Nelly Lerma.

Levando-se em conta a experiência comum vivenciada pelas escritoras negras da América Latina - Feminismo latino-americano, a história de mulheres negras da América Latina (racismo latino-americano), a semelhança entre a representação das mulheres na literatura brasileira e na literatura hispano-americana e as características da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

produção literária afro-feminina na América – e o fato de que na contemporaneidade a produção das escritoras latino-americanas, segundo Soledad Farina (1992), tem possibilitado que os discursos invisibilizados, como o das mulheres, aflorem e contribuam para reformulação da cultura latino-americana, uma questão se impõe: Como as escritoras que publicam nas antologias *Finally us : contemporary black Brazilian women writers* (1995) e *Negras Somos! : antologia de 21 mujeres poetas afrocolombianas* (2008), construíram ou constroem as representações sobre a afrodescendência e sobre as mulheres negras?

Será que a textualidade das escritoras afro-latinas buscaria resgatar a cultura e memória afrodescendente? Será que a produção poética dessas autoras traria construções de imagens femininas negras? A produção literária das escritoras afro-latinas demonstraria uma preocupação relacionada às questões de gênero e de etnia? Ou a história do negro e especificamente das mulheres negras seriam uma temática recorrente nestas produções? Estas são alguns dos questionamentos que buscaremos responder ao longo desta pesquisa.

ESCRITORAS AFRO-LATINAS: ESTABELECENDO APROXIMAÇÕES

A primeira semelhança entre as antologias *Finally us* e *Negras Somos!* é que as duas antologias são escritas por mulheres ou seja de autoria feminina. Essa relação entre produção de escritoras e literatura tem sido refletida por algumas estudiosas. Muitas são as denominações que tentam nomear tal relação: *literatura de mulheres?* *Literatura feminista?* *Literatura feminina?* Geralmente, as definições desses termos — *literatura de mulheres*, *literatura feminista* — encontram-se diretamente relacionado ao sexo da escritora. No entanto, muitas vezes, esses conceitos apenas assinalam o sexo biológico de quem escreve, como ocorre com a denominação “literatura de mulheres”. Mas, há também quem busque ir além da identidade de gênero das escritoras. A estudiosa Nelly Richard , por exemplo, advoga que o diferencial da escrita feminina é o discurso textual. Para Nelly Richard ,

Mais do que uma escrita feminina, conviria, então falar – qualquer que seja o gênero sexual do sujeito biográfico que assina o texto – de uma feminização da escrita: feminização que se produz a cada vez que uma poética , ou uma erótica do signo, extravasa o marco de retenção/contenção da significação



masculina com seus excedentes rebeldes (corpo, libido, gozo, heterogeneidade, multiplicidade), para desregular a tese do discurso majoritário. Qualquer literatura que se pratique como dissidência da identidade, a respeito do formato regulamentar da cultura masculino-paterna, [...] levaria o coeficiente minoritário e subversivo (contradominante) do “feminino”. (RICHARD, 2002, p.133)

Assim, ao condicionar o termo feminino a produção “que se pratique como dissidência da identidade, a respeito do formato regulamentar da cultura masculino-paterna/[hegemônica]”, essa estudiosa latino-americana desloca a ênfase do sujeito-autora para o discurso textual.

A segunda característica comum entre estas escritoras afro-latinas que publicam nas antologias afro-femininas *Finally us e ¡Negras Somos!* é a identidade de afrodescendente oriundos da América, isto é, de serem filhas da diáspora africana. Nesse sentido, a produção literária dessas autoras pode ser também denominada de *literatura negra*⁶. Sendo os sujeitos autores da escrita literária das produções aqui em estudo simultaneamente marcados pelas identidade de gênero e identidade étnico-racial negra, a produção dessas escritoras possui uma dupla pertença identitária ou uma “interseccionalidade⁷” de gênero e etnia. No caso da literatura, essa perspectiva das autoras afro-latinas produz a literatura afro-feminina.

Heloisa Toller Gomes, no seu ensaio *Visíveis e invisíveis grades: vozes de mulheres na escrita afro-descendentes contemporânea*, refere-se à produção escrita pelas escritoras negras da América posicionando-se do seguinte modo:

Espraiando-se nas mais diversas regiões das Américas, dos séculos escravistas aos dias de hoje, e manifestando-se principalmente na literatura poética, auto-biográfica e ficcional, esta escrita de mulheres exhibe particularidades que a diferenciam e identificam dentro da própria literatura negra. Ela tem-se acrescido, nos últimos cem anos, de valiosas contribuições no domínio das ciências sociais e da crítica literária, vindo a ser um objeto privilegiado para investigações de manifestações culturais como, por exemplo, a literatura comparada e os modernos estudos culturais. Grande massa de coisas ditas e escritas, tal produção cultural apresenta, pois traços comuns e reconhecíveis. Ela constitui uma “formação discursiva”, se

⁶ “A expressão « literatura negra », [...] está ligada a discussões no interior de movimentos que surgiram nos Estados Unidos e no Caribe, espalham-se por outros espaços e incentivam um tipo de literatura que assumia as questões relativas à identidade e as culturas dos povos africanos e afro-descendentes. Através do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana e da cultura popular, a escrita literária é assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo.”

⁷ Segundo Collins (1998, p.208), o conceito de interseccionalidade “(...) oferece um marco interpretativo para se pensar como as interseccões por exemplo de raça e classe, ou raça e gênero, ou sexualidade e classe formam a experiência de qualquer grupo através de contextos sociais específicos”.



quisermos utilizar a terminologia de Michel Foucault que, em **A Arqueologia do saber**, assim caracterizou agrupamento de textos que carregam em si pressupostos culturais semelhantes, discursivamente dados, marcados por conjunturas históricas específicas. (GOMES, 2004, p.1)

De acordo com as palavras de Heloisa Gomes, a produção literária das escritoras negras na América Latina apresenta algumas especificidades, ou para citar as palavras de Heloisa Gomes, apresentam “traços comuns e reconhecíveis.” A assertiva desta estudiosa pode ser confirmada pela análise na produção literária das escritoras afro-latinas. Dessa forma, a fim de compreender melhor as similitudes presente na produção literária das escritoras afro-latinas, propõem-se a leitura em conjunto dos poemas *Resgate*, de Alzira Rufino, e *Negra soy*, de Mary Grueso Romero.

A escritora Alzira Rufino⁸ é uma das escritoras afro-brasileiras que publicaram suas produções na antologia *Finally us: contemporary black Brazilian women writers*, organizada por Miriam Alves e Carolyn Durham. Dentre os poemas publicados por esta autora na antologia *Finally us*, destaca-se o seguinte poema

Resgate

Sou negra ponto final
Devolva-me a identidade
Rasgue minha certidão
Sou negra sem reticências
Sem vírgulas e sem ausências
Não quero mais meio-termo
Sou negra balacobaco
Sou negra noite cansaço
Sou negra ponto final
(RUFINO, 1995, p.34)

Este poema de Alzira Rufino é composto por nove versos. Ao longo destes nove versos, um eu - poético feminino afirma e defende sua identidade étnico-racial. Nos

⁸ Alzira Rufino é uma escritora que escreve sobre a temática da mulher negra, educação anti racista, direitos humanos para mulheres e a violência doméstica para Revistas e jornais do Brasil e do exterior. É presidente da casa de Cultura da Mulher Negra-editora/produtora da *Revista Eparre* e *Boletim Eparrei*. Graduada em enfermagem, Rufino também é ativista do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras. Tem poemas publicados em algumas antologias como *Cadernos Negros*, *Finally us*, além de publicações individuais como o livro *Eu, mulher negra, resisto*.



versos supracitados, o eu-poético reclama o direito de ser oficialmente reconhecida como mulher negra pela sociedade a qual integra. Tal interpretação se baseia em versos como

Sou negra ponto final
Devolva-me a identidade
Rasgue minha certidão

Por que rasgar a certidão? A certidão é o documento jurídico por meio do qual é registrado sua existência na sociedade. Se costuma dizer que não ter registro, é como não existir em uma sociedade. O Estado não conhece sua existência. Por outro lado, no caso do eu-poético feminino do poema *Resgate*, o registro lhe atribui uma identificação étnica que não corresponde ao modo como este eu poético se sente, daí o desejo de rasgar a certidão, de refazer o registro. Há um desejo de ter um registro que identifique este ser feminino como negra.

Mas, o desejo de ser reconhecida como uma mulher negra não é exclusividade do sujeito poético do poema *Resgate*, de Alzira Rufino; em um outro poema intitulado *Negra soy*, de Mary Grueso Romero⁹, encontramos um outro eu-poético com semelhante aspiração:

Negra soy

¿Por qué me dicen morena?
Si moreno no es color
Yo tengo una raza que es negra
Y negra me hizo Dios.
[...]
Así que no disimulen
Llamándome de color
Diciéndome morena

⁹ Mary Grueso Romero nasceu em Guapi em 1947 e estudou espanhol e literatura na universidade de Quindío. Esta escritora já recebeu vários prêmios, incluindo o Almanegra, o mais alto reconhecimento das escritoras colombianas. Dentre as obras publicadas destacamos: *'El Otro Yo Que Si Soy Yo*, *'Mi Gente, Mi Tierra y Mi Mar'* (C'D). Possui algumas obras publicadas em antologias, como *¡ Negras Somos!* e algumas obras inéditas.



Porque negra es que soy yo.

(ROMERO, 2008, p.79)

*O poema Negra soy é um dos poemas da escritora colombiana Mary Grueso Romero que se encontra publicado na antologia colombiana *Negras Somos!*. Este poema é constituído por oito estrofes, sendo cada uma delas composta por quatro versos. As duas estrofes supracitas são, respectivamente, a primeira e a última estrofes do poema. Ao longo do poema, é apresentado um eu-poético feminino que afirma e defende seu direito de ser socialmente denominada de negra. E mais, rejeita ser identificada como “morena”. Os argumentos usados são “Si moreno no es color”. E, além disso, tal denominação seria apenas de dissimulação, um modo de evitar nomear alguém de negro.*

Diante do exposto, podemos notar que a negação da negritude é tematizada nos dois poemas supracitados. E isso não é por acaso, há uma semelhança nas formas de racismo existentes na América Latina. A antropóloga e intelectual afro-brasileira Lélia Gonzáles analisa o racismo ocorrido na América Latina e o classifica como racismo disfarçado ou de negação em oposição ao racismo aberto. Este último, característico das sociedades de origem anglo-saxônica, germânica e holandesa, estabelece que negro é toda pessoa que tem um antepassado negro, nessas sociedades, não é uma categoria de organização, tem-se a segregação como norma organizativa. Por outro lado, no racismo disfarçado ou de negação, existente nas sociedades de origem latina, predominam teorias como miscigenação, da assimilação e da “democracia racial”. Lélia Gonzalez define da seguinte forma o racismo latinoamericano:

O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do ocidente são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos do estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele reproduz: o desejo de embranquecer (de limpar o sangue como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura (Gonzalez, 1988^a). (GONZALEZ, 1988, p. 73)

Assim, diante desta eficácia da ideologia do branqueamento, não é incomum encontramos negros e negras na América Latina que não se vêem como negros e para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sinalizar essa negação da negritude se denominam como moreno ou outra denominação que os diferenciem do termo negro; afinal, ninguém quer ser inferior. Compreender que ser negro não é sinônimo de inferioridade é liberta-se da influência do racismo. É resgatar sua história, daí o título do poema de Alzira Rufino. Vimos que os poemas *Resgate e Negra Soy* seguem este movimento, pois nestes poemas há sujeitos poéticos que se afirmam enquanto mulheres negras e rejeitam outras denominações que busquem escamotear suas identidades étnico-raciais. São, portanto, produções literárias de escritoras negras da América Latina nas quais se pode identificar uma descontração do racismo latino. Nessas produções defende-se o orgulho de ser e apresentar-se como negras, como podemos observar nos versos finais dos poemas *Resgates e Negra Soy*, respectivamente.

É importante também salientar para o contexto histórico nos quais tais poemas foram escritos. Tanto o Brasil como a Colômbia, assim como a América Latina como um todo, são países em que a resignificação do termo negro, a positivação deste termo é algo recente, em relação ao tempo em que os negros vivem e constituem as nações latino-americanas. De modo geral, tal resignificação semântica tem sido uma conquista empreendida por mulheres e homens negros nas diversas organizações negras. Partindo deste ponto de vista, identificar-se, assumir-se e orgulhar-se de ser mulheres negras e homens negros e, é uma conquista inestimável.

Estes poemas sinalizam para as similitudes entre as produções das escritoras afro-latinas, contudo ainda temos um longo caminho a percorrer e se é certo que serão identificadas outras semelhanças nas produções destas escritoras afro-brasileiras e afro-colombianas, certamente também encontraremos diferenças.



7 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam (ed) & DURHAM, Carolyn (trad.). (1994) *Finally us/Enfim nós: contemporary black Brazilian women writers*. Colorado Springs: Three Continents Press.

ESCOBAR, Guiomar; ZMORANO, Alfredo. (2008). *Negras Somos!:* antologia de 21 mujeres poetas afrocolombianas. Cali: Universidad del Valle.

FARINA, Soledad. Em busca de la palabra: reflexões em torno de la emergência de uma escritura feminina. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). (1992) *Y nosotras latinoamericanas?* estudos sobre gênero e raça. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.

FERREIRA, Luis. A diáspora africana na América Latina e o Caribe. Observatório Afro-Latino, Fundação Cultural Palmares (FCP), Brasília, p. 1 - 8. Disponível em: <<http://afro-latinos.palmares.gov.br/>>. Acessado em 10/10/2009.

GOMES, Heloisa Toller. (2004) isíveis e Invisíveis Grades: vozes de mulheres na escrita afro-descendente contemporânea. *Caderno Espaço Feminino*, Minas Gerais, v.12, n.15, jul/dez.2004. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro/artigohe-loisa. Acessado em: 10/10/2009

GONZALEZ, Lélia. (1988) A categoria político-cultural de Amefricanidade, *Revista Tempo Brasileiro*, 92/93, 69/82, jan-jun. 1988. p.69-81.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

NAVARRO, Márcia Hoppe; SCHMIDT, Rita Terezinha. (2007). A questão de gênero: ideologia e exclusão. In: CONGRESSO SOBRE A MULHER, GÊNERO E RELAÇÕES DE TRABALHO, 2, Goiânia. Anais... Goiânia: Instituto Goiano do Trabalho,. v. 1.

SAMARA, Eni de Mesquita. (1997). O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: SAMARA, E. M.; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC.